

passando qualquer experiência, e duma monstruosidade que desafia a qualquer imaginação; empresta-lhes, em suma, todos os caracteres e tôdas as terríveis qualidades que aprendeu a conhecer nessa íntima experiência do pavor primitivo por êle vivido.

Do vácuo do Cosmos, máscaras colossalmente grotescas fazem estranhas visagens aos homens primitivos. Corpos gigantescos e horripilantes açoitam o céu com suas caudas. O sol ergue-se como um dragão de fogo. E, quando êle se põe, as levas sinistras dos espectros noturnos levantam o voo, zunindo na escuridão, e espalham doenças e morte por tôda a terra; pairam sôbre as crianças desamparadas e oferecem-lhes maliciosamente seus peitos nefastos.

Estranguladoras noturnas, com face de coruja, descem das nuvens lunares e sorvem as almas dos homens adormecidos. Cobras ardentes arrastam-se pelos leitos das virgens, para ter com elas relações funestas. Galopam alcatéias de lobishomens bem como nevoentas formas de cães assanhados por cima das frondes. Duendes sinistros acendem pelos campos os seus fogos fátuos. Aquí, ao esfuziar do vento nos oitões, o monstro Thuremlin sacode as portas das casas. Ali, o espírito Iruntarinia, com sua lança gigantesca, trespassa por detrás os pescoços e arranca as línguas de suas vítimas. Espíritos das moitas, hienas, vampiros, "ghuls", espectros, fantasmas de mortos cuspidos das tumbas — eis os culpados que, desde o aparecimento da vida, estragam o gado e as sementeiras, desencadeiam as epidemias, o raio e a tempestade, metamorfoseiam os animais em homens e os homens em animais.

A entrada do homem nesta vida já é acompanhada desse acontecimento impressionante e angustiante de vir à luz, que deixa traços indeléveis na vida física. Em consequência, a idéia do seio materno deserta, juntamente com a sensação feliz dum abrigo seguro, essa outra sensação duma profunda e tremenda angústia.

"Quem a avistar, perecerá de pavor", adverte-nos um hino babilônico dedicado à "Mãe primitiva, que formou tudo". Segundo o mito grego, Géa, a mãe terrestre, dá à luz a tremenda deusa Ecnida, de cujo seio saíram a Quimera, a Gorgona e a Esfinge.

Fantasmas gerados na Angústia primitiva, nascidos do terror, eis o que a fantasia do homem descobre no espaço vazio, no sol, como na sua origem, nos seus órgãos sexuais, nas árvores, nos leitos nupciais e nas faces humanas. A impressão poderosa e indelével que estas imagens produziram, sempre e por tôda a parte, através de tôda a história da humanidade, no coração e no espírito, baseia-se justamente na cruel e profunda realidade do medo primitivo experimentado pelo homem. Pois é esse terror, como disse Kierkegaard, que "cria as noções absolutas, visto como faz desaparecer as formas finitas, absorvendo-as, e descobrindo ao mesmo tempo seu caráter ilusório". Quem foi criada pelo medo, foi por conseguinte, "criado em função de sua natureza infinita."

Assim, na aurora da evolução humana, tôdas as atividades convergem para um único fim, isto é, fugir a este medo que obseda a vida inteira. Para esconjurar o medo do Nume, surgem complicadas cerimônias de esconjuro e ritos, mandamentos e proibições. Tôda uma civilização se origina desses primeiros esforços destinados a atenuar o Medo — a civilização do Tabú.

Cada ação passa a ser cercada por um baluarte de preceitos e de prescrições, desorientadoras, ilógicas e desordenadas, mas excessivamente severas, sôbre as noções de "puro" e "impuro", "permitido" e "proibido". Milhares de coisas têm de ser evitadas por um receio sagrado: tocar nelas seria provocar a sanha dos demônios. Milhares de atos ou de abstenções constituem crimes mortais contra as inconcebíveis leis do mundo dos espíritos.

Nas prescrições-tabús dos povos primitivos, já se manifesta uma função racional mais elevada: a subordinação dos fenômenos a alguma coisa que precede e atua por determinada causalidade.

Pois a benevolência ou a cólera dos demônios somente pode depender da observação ou inobservância dos preceitos tabús, se entre o domínio do homem e o dos espíritos admitirmos a existência de uma correlação de causa a efeito.

E, com efeito, estes ritos que proíbem tanta coisa, criam em compensação uma esfera do permitido que escapa ao império do Medo. Quem observar escrupulosamente os mandamentos, quem usar de amuletos e de talismãs protetores e não transpuser os limites da esfera do permitido, não precisa mais recear coisa alguma, pois nessa fortaleza segura já não penetram os monstros horripilantes dos pesadelos.

No entanto, o perigo subsiste em todo o seu horror; pois os espíritos vigiam mais e mais acerbamente cada passo humano. A mais severa meticulosidade em prover-se de encantamentos de qualquer natureza não pode impedir que, de vez em quando, o homem, a despeito de tôdas as suas precauções, venha a ferir um tabú e fazer qualquer coisa que possa irritar o demônio e atrair sua vingança. E, de novo o Medo assalta a consciência apenas acalmada, desperta-a duma segurança ilusória e entrega-a a tôdas as torturas do terror.

Desta situação crítica nasceu a idéia de que, recorrendo a sacrifícios, era possível aplacar as divindades irritadas e, graças a cerimônias expiatórias, sanar as faltas cometidas contra os mandamentos do tabú.

A proporção que a crença nessa possibilidade se arraiga nas consciências, completa-se a conquista de um novo baluarte de segurança fora do alcance do Medo. Pois agora, quem se expuser ao castigo, não precisará mais esperar, num desespero irremediável, as consequências inelutáveis de seu ato. Graças ao ritual mágico duma penitência e duma expiação livremente consentidas, pode êle comprar, ao demônio ofendido, perdão e absolvição e escapar assim à desgraça que o ameaça.